

# O SEXISMO NA OBRA “A MEGERA DOMADA” DE WILLIAM SHAKESPEARE<sup>1</sup>

Rafael Rodrigo dos Santos Seixas<sup>2</sup>

Laura Miranda de Castro<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo observar na obra “A Megera Domada” de Willian Shakespeare, o caráter discriminatório baseado no sexo que se chama teoricamente de sexismo. Sob a teoria feminista, analisaremos a distinção do papel exercido pelo masculino e o feminismo na sociedade do período da Renascença. Observando essa perspectiva de que o sexismo está condicionado a uma relação estabelecida socialmente no qual o homem tende negar ao feminino direitos igualitários ao do masculino, é que destacamos a obra “A Megera Domada” onde analisaremos os personagens de Petrúquio e o Senhor Batista. Realizando uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo com base em trechos da obra e referência em teóricos que abordam a questão do papel social do homem e da mulher. Assim, apontamos como resultado de análise o posicionamento de que o sexo feminino, apesar da sua luta pela liberdade e revolta contra a tradição patriarcal, na obra em questão, acabava rendendo-se e aceitando a sua posição na sociedade, evidenciando que o autoritarismo do sexo masculino prevalecia.

**Palavras-chave:** Sexismo; Papel Social; A Megera Domada.

**Abstract:** The aim of this paper is to observe in "The Taming of the Shrew" by William Shakespeare, the character based on sex discrimination which is called theory of sexism. Under feminist theory, we analyze the role played by the distinction of male and female in society of the Renaissance period. Through the perspective that sexism is subject to a socially established relationship in which men tend to deny women equal rights to males, as shown in "The Taming of the Shrew", on which we are going to analyze the characters Petruchio and Mr. Baptist. We conducted our research on literature review based on qualitative data of the work and theoretical reference for addressing the social role of men and women. Thus, we point out as a result of the analysis the position that the female, despite her struggle for freedom and revolt against the patriarchal tradition, in the work in question, ended up surrendering and accepting her position in society, showing that the authoritarianism of the male gender prevailed.

**Keywords:** Sexism; Social Role; Taming of the Shrew

## INTRODUÇÃO

Para compreendermos o sexismo e suas definições que atribuem ao homem elementos de caráter construtivo e prático e à mulher subsídios proibitivos, é preciso observar e analisar o período em que a peça shakespeariana “A Megera Domada” foi escrita. Pode-se dizer que, não apenas esta obra, mas outras de Shakespeare, foram escritas no auge do período Renascentista, quando a condição da mulher era de ser subjugada socialmente no que se refere

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (2011/1).

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Letras – Português/Inglês da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Humaitá/AM.

<sup>3</sup> Docente do Curso de Letras – Português/Inglês da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Humaitá/AM e Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

ao seu comportamento, apesar de muitas se rebelarem contra a ideologia da sociedade patriarcal.

Segundo Feitosa (2008, p. 13), muitos escritores dessa época escreviam peças encenando a figura da mulher como megera, pois isso era uma crítica ao comportamento de mulheres que não se submetiam ao costume tradicional da sociedade, tinham forte personalidade e protestavam a esse sistema de autoritarismo e prestígio social do homem. Esses escritores tinham o objetivo de mostrar e ensinar à mulher o seu lugar social obrigatório e sua submissão ao homem.

Diante disso, com fundamentos em teoria feminista, julga-se necessário mostrar e analisar o papel masculino e feminino na peça em questão, buscando à luz desta teoria analisar a sociedade do século XVI. Para tanto, basearemos-nos em autores teóricos como Beauvoir (1967), Nye (1995), Alves e Pitanguy (1985), entre outros, numa pesquisa bibliográfica.

O artigo traz na primeira seção conceitos sobre o sexismo na sociedade do século XVI sob uma visão crítica teoria feminista, na segunda seção há uma discussão da contraposição da mulher como objeto e homem como sujeito, na terceira seção apresentamos alguns apontamentos sobre o autor, na quarta seção apresentamos alguns aspectos da obra, na quinta seção procedemos à análise da obra seguida das considerações finais.

## **1 O SEXISMO SOB A VISÃO CRÍTICA FEMINISTA NA SOCIEDADE DO SÉCULO XVI**

Diante de uma sociedade movida pela burguesia e pelo patriarcalismo do século XVI, podemos definir de modo geral o sexismo como uma posição de discriminação fundamentada no sexo. Thomas Bonnici (2007), em sua obra *Teoria e Crítica Literária Feminista*, define o sexismo como uma variante do essencialismo, envolvendo características de gênero e apoiando-se em estereótipos que atribuem, ao masculino, os elementos positivos e, ao feminino, os elementos negativos.

De acordo com Nye (1995), que escreveu o livro *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*, para o liberal Jhon Studart Mill, o sexismo é o resultado da ignorância sem igual do homem em harmonia com a fragilidade física da mulher. Engels (1984) acreditava que o sexismo não era universal, ou seja, essa ideia geral não era aplicável a todos os indivíduos, pois na época em que a herança era através da mãe e o trabalho das mulheres tinha valor

igualitário ao dos homens, a terra era dominada por todos e as mulheres eram “livres e honoráveis” (NYE, 1995, p. 56).

Entretanto, o sexismo não está apenas voltado a esta rejeição consciente, mas também está relacionado às ideias encontradas no campo teórico, cultural e institucional das sociedades, nos problemas de relações sociais e nas ações adotadas por mulheres com posição assumida como chefe da família.

Segundo Bonicci (2007), o sexismo e o patriarcalismo são praticamente sinônimos, ou seja, na realidade são tão semelhantes que podemos escolher um pelo outro sem alterar a significação literal, pois a ideologia de significados é a mesma; a superioridade do masculino com a perda do moral feminino ou a implicação automática do feminino no masculino.

O sexismo também está relacionado ao papel feminino e masculino, ambos exercidos dentro da sociedade. Utilizando o termo “política sexual” podemos entender a realização dos papéis sexuais distinguindo a relação de dominação e subordinação. Dentro desse contexto social está presente o movimento machista e principalmente o feminista.

Este comportamento machista tende a negar à mulher ao desenvolvimento corporativo ou aos mesmos direitos do homem. Nesta questão, o entendimento e a percepção da atitude moral masculina são exagerados, agindo de forma prepotente ou de desprezo em relação aos outros, principalmente quando a questão é feminista. De acordo com Chodorow (1978), a identidade do conceito masculino está inserida na crença de superioridade masculina. Ela ainda afirma que o senso de masculinidade que os meninos adquirem está ligado não apenas a ideia geral de eles serem diferentes das mulheres, mas também de eles serem superiores a elas.

O Feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que os indivíduos, seja ele homem ou mulher não tem que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 09).

Envolvido por uma visão ampla de universalidade, o feminismo não vem questionar somente as normas sociais obrigatórias para assegurar o equilíbrio das funções do organismo social da mulher, mas também que os direitos e deveres fossem igualitários entre ambas as partes em todas as áreas, tanto para o homem quanto para a mulher. Dentro dessa temática, podemos perceber que o movimento procurou despertar no ser humano um questionamento de sua própria consciência nas qualidades que define a individualidade da pessoa.

Essa luta feminista por seus ideais e direitos dentro da sociedade, percorreu vários países que tiveram representantes em diversas áreas, e a literatura foi um dos caminhos mais usados para criticar e delatar a submissão da mulher aos regimes impostos pela tradição social.

De acordo com Anna Stegh Camati (s.d., p.4-5), que escreveu em seu ensaio *Questões de Gênero e Identidade na Época e Obra de Shakespeare*, na Inglaterra de Shakespeare o homem podia exercer uma grande variedade de papéis de acordo com suas possibilidades e capacidades; o desempenho social da mulher, no entanto, era bastante limitado. Essas questões de submissão do feminino ao masculino neste período despertaram em vários autores, homens ou mulheres, a escrever e questionar essa vida social imposta pela sociedade patriarcal.

Simone de Beauvoir (1967, p. 363) questiona que é preciso destacar que as mulheres nunca formaram uma sociedade autônoma e fechada, elas estão incorporadas na coletividade lideradas ou governadas pelos homens, e na qual ocupam um lugar de subordinação.

Apesar de a mulher lutar por seu espaço dentro da sociedade nessa época, ela não teve êxito de tomar decisões, independência moral, capacidade de se autogovernar livremente, pois ainda estão sujeitas a um sistema de governo liderado pelo homem.

No século XVI, a mulher casada torna-se uma incapaz e todos os atos que ela fizer sem estar autorizada pelo marido ou pela justiça serão radicalmente nulos. Essa revolução reforça os poderes do marido, que acaba exercendo uma espécie de monarquia doméstica. (MICHEL, 1982, p. 34-35).

A vontade do homem acabou prevalecendo nesta época na França, quando os legistas pediram ajuda ao direito romano para constituir uma família de modo patriarcal, onde o homem pudesse se tornar o chefe da família, aquele que deveria ser honrado e respeitado. Logo, a mulher do período renascentista acaba perdendo todos os direitos de liberdade própria, e tudo que ela fizer deve ter consentimento do esposo ou dos órgãos que formam o poder judiciário da nação.

Podemos compreender que o casamento sempre foi mostrado com diferenças radicais para ambos os sexos. Entende-se que um é necessário ao outro, apesar dessa necessidade nunca gerar uma camada social igualitária, pois o homem é considerado socialmente um sujeito com capacidade de determinar sua própria norma de conduta por ser visto como produtor do trabalho coletivo. (BEAUVOIR, 1967, p. 166).

Com isso podemos observar que existem diferenças transparentes entre o machismo e o feminismo. Enquanto um busca uma crença de superioridade às mulheres, o outro se revela

com o objetivo de plena igualdade social e libertação dos costumes estabelecidos pela sociedade patriarcal.

Diante dessa perspectiva de que o sexismo está condicionado a uma relação estabelecida socialmente no qual o homem tende negar o feminino a direitos igualitários ao do masculino, é que destacamos a obra “A Megera Domada” de William Shakespeare, onde analisaremos sob a visão feminista os personagens de Petróquio e o Senhor Batista.

## **2 MULHER-OBJETO X HOMEM-SUJEITO**

É transparente e notável a diferença entre o papel exercido pela mulher e pelo homem na sociedade antiga da renascença. A mulher sempre exercendo o papel de submissa, cumprindo uma posição inferior ao homem, enquanto o homem é aquele visto como o sujeito da subordinação da mulher, aquele que detém a autoridade maior. Caso a mulher rejeitasse essa submissão ou contrariasse os costumes da sociedade daquele período, era vista com mau julgamento pela família patriarcal, principalmente no período Elizabetano.

Segundo Beauvoir (1967), a sociedade já tem o destino tradicionalmente proposto que é o casamento e isso continua até os dias atuais. Caso a mulher não seja casada, ou seja, não tenha um companheiro, alguém que possa “protegê-la” ela sofrerá sanções por isso.

É importante observarmos, que o sexo feminino não tinha opção de escolha, pois havia apenas dois caminhos: ou casar ou ser rejeitada pelos padrões de costume da sociedade, por sua vez, o sexo masculino colocava-se na posição de patriarca, respeitado, o qual a esposa e os filhos lhe deviam obediência.

Os homens são os chefes naturais no lar. As mulheres não participam das relações morais estabelecidas entre homens nas quais solidariedades naturais são substituídas por normas de justiça. Os homens são os porta-vozes adequados para a família. [...] Recato e castidade são virtudes para mulheres, mas não para homens (NYE, 1995, p. 19).

Esse núcleo familiar aparentemente ideal e perfeito para o corpo social despertava a infelicidade e insatisfação da mulher que se via sem espaço e sem liberdade de expressão para expor sua opinião, sua maneira de pensar e principalmente sem poder exercer a função de votar ou opinar sobre qualquer assunto que fizesse parte do universo dos homens. Com isso a mulher era somente um objeto de propriedade do homem, pois Nye (1995) declara que se a mulher introduzir-se no meio da política ela é vista como atrevida e se for velha, repugnante. Se a mulher desejar possuir o poder é duramente julgada por ambos os sexos, pois para o homem ela pode deixar de ser objeto de desejo, e para as mulheres pode despertar a ânsia de

ciúme e até preconceito. O amor para os homens é apenas questão momentânea na vida, enquanto para as mulheres este sentimento é tudo, pois para eles o amor não acarreta obrigações.

Dentro da sociedade patriarcal, as mulheres são engrandecidas por serem esposas e mães dedicadas no seu lar, tornando assim a vida do homem digna e honrada. O homem trabalhava para sustentar a família e embelezar sua esposa para si mesmo, e a mulher devia exercer seu trabalho de doméstica e estar “cuidada” perante os olhos de seu marido. Nye (1995) ainda afirma que “casamento baseia-se não no amor, mas na propriedade” (NYE, 1995, p. 57).

Segundo Beauvoir (1967), todo ser existente, por mais perdidamente que se renegue, permanece sujeito, pois o homem a quer como objeto, e a mulher se faz objeto e nesse momento exerce uma livre atividade (BEAUVOIR, 1967, p.380). Diante disso percebe-se a submissão tão questionada na teoria feminista, ao qual o sexo feminino se sujeita como objeto possuído pelo sexo masculino, tornando-se propriedade do outro. De acordo com Nye (1995), o próprio Marx explicava:

“O sujeito-humanidade – e o objeto-natureza – continuam os mesmos.”  
“Toda produção é apropriação da natureza pelo indivíduo dentro e através uma forma determinada de sociedade.” O homem marxista deve domar a natureza, humanizá-la, deve impor sua imagem a ela: essa é a substância do materialismo marxista (NYE, 1995, p.83).

O que compreendemos no pensamento teórico de Marx é que o conjunto de característica destinada ao ser humano persiste submetido à natureza; vista como objeto do mundo natural ou materialista, pois tudo é produzido socialmente pela natureza humana. Com isso o homem tem a obrigação de ter grande ascendência sobre esse caráter (natureza), socializando-o e atribuindo assim sua própria representação masculina.

Para Beauvoir (1967), a mulher é apenas um elemento da vida masculina enquanto que o homem é toda a sua existência. Observamos, então, que o sexo feminino é visto como um complemento na vida social do sexo masculino; a mulher, principalmente a esposa, tem o homem ou o casamento como um fato para estar presente na realidade social, pois é uma maneira de existir.

Assim sendo, percebemos uma grande diferença da ação feminina para a ação masculina, principalmente focalizando o século XVI, onde a mulher não passava apenas de um objeto de propriedade do homem, e até mesmo um objeto de troca pela própria família, do qual o pai cedia a filha em casamento a qualquer homem que tivesse a melhor oferta de dote

que é dado ao marido para que o ajudem no prover aos encargos do matrimônio, sob a condição expressa de que a ela os restitua depois de dissolvida a sociedade conjugal. O homem, como sujeito proprietário da mulher, exercia a autoridade maior e a mulher não tinha a liberdade de poder se expressar socialmente e buscar uma vida independente. Podemos observar esses fatores na peça teatral “A Megera Domada” de William Shakespeare.

### 3 O AUTOR

William Shakespeare, poeta e dramaturgo inglês, nasceu em 23 de abril de 1564, na cidade de Stratford-upon-Avon, Inglaterra. É conhecido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo. É chamado de poeta nacional da Inglaterra e de "Bardo do Avon" (ou simplesmente *The Bard*, "O Bardo"). Segundo Brito (2006, p. 33), ele foi um dos autores mais filmados na história do cinema e, na literatura, o segundo maior intertexto do mundo, o primeiro sendo a Bíblia Sagrada.

De suas obras restaram até os dias de hoje 38 peças, 154 sonetos, dois longos poemas narrativos, e diversos outros poemas. Suas peças foram traduzidas para os principais idiomas de todo o mundo. Muitos de seus textos e temas, especialmente os de teatro, continuam a ser intensos até os dias atuais, sendo revisitados com frequência pelo teatro, televisão, cinema e literatura. Entre suas obras mais conhecidas estão Romeu e Julieta, que se tornou a história de amor por excelência, e Hamlet, que possui uma das frases mais conhecidas da língua inglesa: *To be or not to be: that's the question* (Ser ou não ser, eis a questão).

As peças shakespearianas são peculiares, complexas, misteriosas e com um fundo psicológico espantoso. Uma das qualidades do trabalho de Shakespeare foi justamente sua capacidade de individualizar todos seus personagens, fazendo com que cada um se tornasse facilmente identificado. Shakespeare também era excêntrico e se adaptava a gêneros diferentes. Trabalhando com o sombrio e com o divertido ou cômico, Shakespeare conseguiu chegar perto da unanimidade (WIKIPÉDIA, *on-line*, 2011).

Shakespeare produziu a maior parte de sua obra entre 1590 e 1613. Suas primeiras peças eram principalmente comédias e histórias, gêneros que ele induziu ao auge da sofisticação e do talento artístico ao fim do século XVI.

Os românticos, especialmente, aclamaram a genialidade de Shakespeare, e os vitorianos idolatraram-no como um herói, com uma reverência que George Bernard Shaw chamava de "bardolatria". No século XX sua obra foi adotada e redescoberta repetidamente por novos movimentos, tanto na academia e quanto na performance. Suas peças permanecem

extremamente populares hoje em dia, e são estudadas, encenadas e reinterpretadas constantemente, em diversos contextos culturais e políticos, por todo o mundo (SETE LAGOAS, *on-line*, 2011).

#### **4 UM BREVE ENREDO DA OBRA**

“A Megera Domada” é umas das primeiras comédias escrita pelo dramaturgo inglês William Shakespeare. A obra nos apresenta temas como: a guerra dos sexos, o casamento, a família, conquista do amor e a submissão da mulher na sociedade.

A peça shakespeariana nos conta a história de Catarina, uma mulher bela, mas que não aceitava se submeter ao casamento e odiava ser contrariada. Era conhecida e chamada por todos como megera, gato-do-mato e até demônio. A irmã mais nova, Bianca, gentil e meiga, cortejada por muitos homens, só poderia se casar após o casamento da irmã mais velha. Mas nenhum homem de Pádua desejava casar-se com Catarina por seu comportamento feroz.

Petrúquio, um homem nobre de Verona, chega à cidade em busca de um casamento rico para aumentar sua riqueza e logo se sente atraído por Catarina. Após um duro duelo de forças, ele casa-se com ela impondo à nova esposa algumas privações que acabam fazendo Catarina tornar-se uma mulher dócil e amável.

No final da obra nos deparamos com o longo sermão de Catarina, onde ela declara toda a gratidão que a esposa tem que ter pelo esposo por ele submeter sua vida ao árduo trabalho para sustentá-la, declarando que o homem é seu chefe. Com isso fica visível o papel da mulher na sociedade da época; uma mulher submissa e o papel do homem como autoritário.

#### **5 ANÁLISE DA OBRA**

A peça clássica de Shakespeare *A Megera Domada*, escrita provavelmente por volta de 1592 e 1594, tornou-se uma comédia muito popular não só na época em que foi divulgada, mas também permeia até os dias atuais, por tratar as peripécias do amor entre ambos os sexos, a busca da mulher pela liberdade e sua independência própria e principalmente a diferença entre o papel masculino e feminino na sociedade do século XVI.

Segundo Feitosa, “a peça apresenta características típicas das comédias shakespearianas, como o humor, o sarcasmo, a sátira e a inversão de papéis, assim como também traz alguns temas como a falsidade humana.” (FEITOSA, 2008, p. 34). Diante disso

“A Megera Domada” não se distancia da crítica apresentada por Shakespeare, ao mostrar o comportamento da sociedade e o efeito de suas ações na classe social.

Para muitos críticos literários a obra conceitua-se em um manifesto machista; outros compreendem como um discurso pré-feminista. Segundo Wilson (1958 apud FEITOSA, 2008), a cada década pode-se achar um novo aspecto de Shakespeare, visto que ninguém pode decifrá-lo por completo.

Para Santos (2006 apud FEITOSA, 2008), suas comédias são classificadas em tragicomédias, comédia de costumes, e comédias românticas. No entanto, qualquer tentativa de classificação, seguindo características estilísticas ou temáticas, de acordo com a autora, é um tanto frustrante. Assim, realizando uma classificação cronologicamente plausível, “A Megera Domada” classifica em comédias da fase inicial, também conhecida como comédias românticas.

No geral, as comédias shakespearianas possuem dois enredos e dois casais, acontecendo vários casamentos ao fim das peças. [...] Algumas outras características básicas das comédias do autor são os elementos metateatrais (teatro falando de teatro), os mecanismos de disfarce, em que muitas vezes um personagem se passa por outro, mulheres se vestem de homens etc e a inversão, na qual personagens assumem postos de outros personagens (FEITOSA, 2008, p. 40).

Vale lembrar que na época de Shakespeare, as peças eram encenadas apenas por homens e por isso havia sempre essa inversão de papéis masculinos; ora encenavam personagens femininas ora personagens masculinos. A comédia em análise, assim como em outras peças, apresenta dois casais em histórias paralelas: Petróquio, no confronto de conquistar a filha mais velha de Batista, Catarina, conhecida como megera e com uma forte personalidade; e Lucêncio em buscar de alcançar o amor de Bianca e casar-se com a irmã mais meiga e dócil.

Contudo, é importante focalizar o comportamento social exercido pelo personagem Batista, pai de Catarina, e principalmente o personagem Petróquio e a ação do homem na renascença. O casamento é um forte tema a ser observado na obra, pois toda a ação de ambos os personagens em questão permeia uma personalidade machista e autoritária na história.

Com 34 personagens, a história é clássica e vista como temporal, expondo o posicionamento ou a função feminina e masculina. Bonnici e Zolin (2003, p. 164) relata que na Inglaterra do período Vitoriano, a situação da foi muito marcada por discriminações por julgarem as mulheres com o intelectual inferior aos homens. Com isso a mulher que arriscasse usar sua inteligência ou seu conhecimento intelectual, estaria quebrando a ordem natural das

coisas e até a tradição religiosa deste período; a mulher deveria continuar cultivando sua delicadeza, compreensão, submissão, dedicação ao lar, simplicidade e falta de cobiça, estando sempre voltada aos deveres familiares.

Isso era tudo o que a personagem Catarina não aceitava: ser submissa e tornar uma esposa para dedicar-se apenas ao lar. Mas, Petróquio estava em Pádua apenas para conseguir uma esposa de família com muitos bens e dinheiro, para aumentar sua riqueza e tornar-se um homem casado. “Vim arranjar em Pádua um casamento rico: se o casamento é rico, estou feliz em Pádua” (FERNANDES, 2010, p. 40). O casamento, dependendo do valor do dote, manifestava-se para o homem deste período como um meio de sair da pobreza, das dívidas ou simplesmente para multiplicar suas riquezas.

Petrúquio não importava com a aparência da mulher que ele conseguiria para casar-se, nem mesmo preocupava-se com a forte personalidade que ela poderia possuir, mas se fosse rica ele se encarregava de ter grande autoridade sobre ela, a ponto colocar-la na sua posição de esposa submissa. “Tu não conheces o poder do ouro. Diz-me o nome do pai, isso me basta. Eu dominarei, inda que berre mais alto que o trovão ribombando pelos céus de outono” (FERNANDES, 2010, p. 40-41).

É importante enfatizarmos que Petróquio, assim também como Catarina, possuía uma forte personalidade, com características muito parecidas com a dela, isso contribuiria para que ele pudesse conquistá-la. Ele era um homem grosseiro, rude e tratava seus empregados com malevolência. Tudo que Petróquio tinha ouvido sobre a megera tinha lhe agradado, pois ele não se limitava a conquistar a sua futura esposa e que lhe faria feliz com o belo dote que conseguiria com este casamento. “Sei que é brigona, grosseira e impertinente: se é só isso, senhores, não vejo mal algum.” (FERNANDES, 2010, p. 44).

Atribuído pelo autoritarismo masculino, que Nye (1995, p.52) relatou que até no casamento o homem tinha a palavra final, o peso da autoridade pertencia sempre a ele, o personagem masculino dessa obra não distancia desse período machista, onde o exagerado senso de orgulho e a altivez do homem prevaleciam sobre o “sexo frágil”.

Diante desse pensamento, o autoritarismo e a vontade masculina da época renascentista evidenciam-se quando Petróquio procurar conversar com Catarina em seu primeiro encontro:

Já concordamos com respeito ao dote. E queiras ou não queiras, vou me casar contigo. Olha, Cata, sou o marido que te convém, pois, por esta luz que me permite contemplar tua beleza, essa beleza que me faz te amar com tal profundidade – tu não deves casar com nenhum outro. Eu sou aquele que nasceu para domar-te e transformar a Cata selvagem numa gata mansa. Mas,

aí vem teu pai: não recuses nada, pois eu quero e terei Catarina como esposa (FERNANDES, 2010, p. 61).

A força física ou moral da masculinidade do homem do século XVI é incorporada no personagem masculino da obra shakespeariana. Petróquio, determinado a casar-se com Catarina, impõe o seu desejo de possuí-la mesmo contra a o sentimento de desejo dela, motivado por um apelo físico, psicológico ou moral do homem da época. O seu anseio machista põe à mostra a soberania do sexo masculino ao declarar-se aquele que nasceu para dominar, tratando a mulher como uma espécie de animal feroz que precisa ser contido por desejo próprio ou força maior.

Com isso, o feminino estava inferior ou dependente ao masculino ou até mesmo visto como um masculino mais fraco ou menor (BONNICI e ZOLIN, 2003, p. 169).

É importante observarmos que a mulher não tinha a opção de escolha, pois o marido indicado pelo pai, depois de confirmado o valor do dote, com este ela se casaria. Assim permanecia sobre tudo a submissão da mulher sobre a vontade do homem, sendo colocada numa posição de objeto de troca na sociedade. Isso se infere no anseio de Batista Minola, um nobre fidalgo e pai de Catarina e Bianca, que deposita condições para a filha mais nova, Bianca, que somente se casaria após a filha mais velha, Catarina, casar-se primeiro.

Diante disso, Petróquio é apresentado como um nobre fidalgo de Verona que domaria sua filha insurgente. A vontade do homem da renascença de casar a filha imediatamente, pondo-la na condição de casar e assumir o papel da mulher do século XVI, oferece a Petróquio vinte mil coroas ou moedas de pratas no primeiro momento e, quando morresse, metade de suas terras seria dada. E Petróquio afirma que “em troca eu asseguro que, se ela enviuvar, sobrevivendo a mim, ficará com todas as minhas terras e mais arrendamentos” (FERNANDES, 2010, p.54).

É necessário observar essa ação masculina na obra de Shakespeare, tanto do pai de Catarina quanto de Petróquio, pois segundo Bonnici (2007, p. 53) o feminismo critica toda cultura que apóiam qualquer forma expressa de sexismo. Observamos então que a visão feminista quebra, rejeita e censura qualquer discriminação ou até mesmo qualquer forma de tratar a mulher como um objeto dentro da cultura machista da sociedade. Muito se expõe que a mulher não é um objeto de troca, e também não é escravo para ser negociada.

Feitosa (2008) já afirma que

essa relação entre a mulher e o dinheiro reflete o que acontecia na sociedade Renascentista, embora ela já vinha de outras épocas e ainda continuou acontecendo por muito tempo. Todo esse jogo de interesses, apresentado ao

longo da obra, parece irritar Katharine, o que acaba por realçar seu caráter revoltado e a faz ser considerada uma megera. As megeras, portanto, reagiam contra esse discurso patriarcal e não se adequavam ao sistema (PAIVA, 2004). Nessa perspectiva, os homens abominavam uma mulher que não fosse passiva e comportada (FEITOSA, 2008, p. 72).

Na peça shakespeariana, a figura da mulher (Catarina e Bianca) é vista como esse objeto de troca de valores, onde aquele que oferece os maiores bens, ou seja, os dotes, este a teria como esposa, mesmo contra a vontade dela, pois o que prevalecia era o desejo do pai. Segundo Beauvoir (1967, p. 166), é a sociedade do universo do homem que determina que cada ser humano masculino deve desempenhar seu papel de pai e de esposo na família e a mulher, associada como escrava na vida familiar dominada pelo pai e pelos filhos homens, é cedida a casamento a um determinado homem sempre por outro homem, sem ouvir ou compreender o desejo dela, que se encontra subjugada a ordem deles, ao desejo deles.

Na realidade a tradicional cultura da sociedade patriarcal prevalecia sobre tudo, e a mulher que não se sujeitasse a esse costume era vista com maus olhos por esta sociedade. A peça “A megera domada” não passa de um grande exemplo discriminatório para a mulher insubmissa da era renascentista, pois é visível que a mulher chamada “megera”, era aquela que se rebelava contra a ordem governamental da época, que repugnava o casamento, ou seja, contrária a estrutura familiar ideal da época, e etc.

Assim, continuou dissertando Feitosa (2008):

A megera era uma figura da época renascentista, uma espécie de título dado a mulheres que se comportavam de maneira subversiva, contrariando a sociedade misógina e patriarcal. Nesse sentido, questionamos por qual intenção o autor teria sido movido a construí-la, se teria corroborado os padrões misóginos da Renascença ou quebrado paradigmas ao construir uma personagem que não se assemelha com a tradicional figura da megera (FEITOSA, 2008, p. 13-14).

Entendemos que o objetivo de peças como esta era simplesmente de castigar as mulheres que tinham comportamentos inaceitáveis para época, no intuito de mostrar e instruir o seu devido papel dentro da sociedade, ser submissa, obediente ao homem.

Após o acerto final para casar-se, o personagem da peça, Petróquio, começa a fazer com que Catarina passe pelas situações mais desagradáveis, punindo-a por seu comportamento feroz. Os atos já iniciam a partir da cerimônia do casamento: ele chega de forma visivelmente degradante, que chega a ser comparado a “um monstro, um verdadeiro monstro em indumentária, sem qualquer semelhança com um criado cristão ou com o laçao de um cavalheiro” (FERNANDES, 1998, p. 74). Movido pela superioridade masculina, ele

ainda faz com que Catarina fique sem alimentar-se ou comer com pretexto de que as comidas estavam estragadas e contaminadas. Também não permite que ela durma, utilizando-se de meios que venham impedir o sono dela como: grita fortemente com os criados para que cuidem melhor de tudo para o conforto de sua esposa; briga com o costureiro, dizendo que as roupas que ela escolheu não estão a agrado.

Assim, com muita astúcia, começo meu reinado e espero terminá-lo com sucesso. Meu falcão agora está faminto, de barriga vazia. E, enquanto não ficar não ficar bem amestrado, não mandarei matar sua forme. Assim, aprenderá a obedecer seu dono. [...] Ela não comeu nada hoje, nem comerá. Não dormiu a noite passada, também não dormirá esta. [...] Assim eu dobrarei seu gênio áspero e raivoso. Se alguém conhece algum modo melhor de domar uma megera, tem a palavra (FERNANDES, 2010, p.91).

Analizamos pela fala inicial de Petróquio que a soberba machista do homem da época infere no seu reinado no casamento e a mulher deveria reverenciar e honrar aquele que ela teria como esposo. Este personagem não está limitado a agir com gentileza e suavidade, pelo contrário, ele a utilizar-se da sua soberania no lar, tanto em relação à esposa quanto aos seus empregados, para deter o gênio feroz de Catarina. Comparando-a a um animal, o Falcão, ele a deixará passar por todas essas situações até que ela se torne domesticada e mansa, com isso concederá obediência a ele que mais parece a ter como propriedade particular. Ainda desafia alguém que tenha métodos melhores que o seu para dominar uma megera.

Contudo, o desejo de Petróquio realizar-se, uma vez que Catarina cede à vontade do esposo e assume o papel de esposa dedicada ao lar e acima de tudo obediente ao esposo. Shakespeare criou uma personagem que tenta obter seu espaço na sociedade, sofre com a rejeição do pai que prefere a filha mais nova por demonstrar-se obediente e meiga, e no final realiza um sermão com sentido contraditório onde mostra-se uma mulher “domada” e subordinada ao esposo (FEITOSA, 2008, p. 47).

Isso procede no final da peça quando Petróquio faz uma aposta com os demais cavalheiros que estavam na festa de casamento de Bianca, pois ele desejava comprovar para toda a sociedade ali presente, que tinha conseguido dominar a megera e conquistá-la. Assim, ela faz um discurso a todos que estavam na festa de casamento, principalmente direcionado às mulheres. “Tem vergonha! Desfaz essa expressão ameaçadora e não lança olhares desdenhosos para ferir teu senhor, teu rei, teu soberano (FERNANDES, 2010, p. 128-129). O início de seu discurso já exalta a soberania masculina sobre o feminismo como prossegue declarando:

O marido é teu senhor, tua vida, teu protetor, teu chefe e soberano. É quem cuida de ti, e, para manter-te, submete seu corpo a trabalho penoso seja em terra ou no mar. [...] O mesmo dever que prende o servo ao soberano prende, ao marido, a mulher. [...] Tenho vergonha de ver mulheres tão ingênuas que pensam em fazer guerra quando deviam ajoelhar e pedir. Ou procurando poder, supremacia e força, quando deviam amar, servir, obedecer. [...] devemos colocar as mãos, humildemente, sob os pés do senhor. Para esse dever, quando meu esposo quiser, a minha mão está pronta (FERNANDES, 2010, p. 129-130).

Esse tão criticado discurso de Catarina exaspera sobremaneira a papel submisso que a mulher facilmente recebe para si, sem julgar seus feitos em buscar de liberdade e espaço nessa sociedade dominada por homens. Nesse sentido, o sermão engrandece a soberania de seu esposo Petróquio, o papel que ele exercia socialmente sobressai nessa louvação da importância que tem a esposa em obedecer a vontade do marido, pois o reinado do lar, da família pertence a ele. Observando então esta fala feminina, cabia a mulher reverenciar seu marido, honrá-lo, e não se rebelar contra ele.

Portanto, é imprescindível questionar de forma clara e objetiva que o sexismo, discriminação fundamentada no sexo, prevalecia sobre a vontade e o orgulho masculino desse pensamento. Fica evidenciada sem restrições de dúvidas a distinção de ambos os papéis, tanto masculino quanto feminino. Ao homem pertencia o dever de ser tornar o marido soberano sobre tudo no lar; à mulher competia o dever de permanecer na sua posição social, dedicando-se ao lar e a família.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve por intuito analisar como os personagens masculinos Petróquio e Sr. Batista agem e se comportam no decorrer da peça e como o papel feminino é uma representação da inferioridade e total submissão ao homem na sociedade Renascentista.

Para isso, fez-se necessário um breve estudo teórico sobre o papel social do homem e da mulher na sociedade do século XVI, período em que Shakespeare viveu, e uma concisa comparação da mulher como objeto e o homem como sujeito. Vimos que na peça analisada a representação da mulher ainda estava muito conceituada e ligada a apegos patriarcais e principalmente ao machismo do homem da época.

De acordo com Bonnici e Zolin (2003, p. 163) a posição da mulher como objeto estava voltada a aceitação das ordens e obrigações que a sociedade patriarcal empunhava sobre ela, e devia total submissão ao esposo, ao pai, ao homem, que exercia a maior direito ou poder de ordenar, decidir. Isso sobrevém ao definir o sexo masculino como sujeito, pois essa ordem de

insubordinação ao querer feminino definiu a característica do homem da Era Elisabetana, que tinha, sobretudo, o poder de decisão, de dominação e de imposição sobre o sexo feminino.

Sob esse viés, foi possível observar o personagem Petróquio como um verdadeiro homem de caráter machista e arrogante da época, pois o mesmo chegava a tratar Catarina com rígidas regras incomuns ao ser humano, colocando-a na posição de esposa subordinada ao marido, não apenas ela, mas também seus empregados, que eram tratados com arrogância e até com violência. Esta personalidade era típica do homem da época que se exaltava pela soberania e autoritarismo amparado pelas leis governamentais desse período da Renascença.

Além dessas personagens analisadas em questão, a obra também apresenta várias outras personagens masculinas que tendem a essa visão do sexismo e a superioridade masculina sobre o feminino.

Assim podemos notar que Shakespeare estava voltado em sua peça a mostrar a devida posição da mulher na sociedade de sua época, e apesar de elas revoltarem contra esse costume tradicional, acabavam reconhecendo sua submissão ao costume social do século XVI. A representação do homem por final, não passava de total veneração e machismo próprio e causava um forte impacto à “fragilidade” feminina dentro da sociedade do reinado elizabetano.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. *O que é Feminismo*. Cultural / Brasiliense, São Paulo: Ed.abril, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução e Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Difusão Europeia do Livro, [1949] 1967.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feministas**. Maringá: Eduem, 2007.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003.

BRITO, João Batista de. **Literatura no Cinema**. São Paulo: Unimarco, 2006.

CHODOROW, Nanci. **The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender**. California: University of California Press, 1978.

ENGELS, Friederich. **El origen de la Familia, de la Propriedad Privada y del Estado**. Madrid: Mestas Ediciones, 1884.

FEITOSA, Agnes Bessa Silva. **Reescrevendo Shakespeare no cinema: de “A megera domada” a “10 coisas que eu odeio em você”**, 2008. Dissertação [Mestrado em Lingüística Aplicada] Universidade Estadual do Ceará. 167 p.

FERNANDES, Millôr. **A megera domada** (William Shakespeare). Porto Alegre: L&PM, 2010.

MICHEL, Andrée. **O feminismo: uma abordagem histórica**; tradução de Ângela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

NYE, Andrea. **Teoria femista e as filosofias do homem**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

SETE LAGOAS. **William\_Shakespeare: vida e obra**. Disponível em:

<http://setelagoas.com.br/noticias/saude/93-guia/servicos/projeto-leia-mais/3293-william-shakespeare-vida-e-obra-26041564-23041616>. Acesso em maio de 2011.

WIKIPÉDIA. **William\_Shakespeare**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/William\\_Shakespeare](https://pt.wikipedia.org/wiki/William_Shakespeare). Acesso em maio de 2011.